



## **O PAPEL DA ESCOLA E A POSSIBILIDADE DE SER UM ESPAÇO MELHOR: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA À EDUCAÇÃO**

<sup>1</sup>Bruno de Mesquita Barbosa; <sup>2</sup>Edinilza Maria Anastácio Feitosa

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Ceará –UECE. Email: [bruno.mesquita@aluno.uece.br](mailto:bruno.mesquita@aluno.uece.br) <sup>2</sup>Universidade Estadual do Ceará –UECE. Email: [edinilza.feitosa@uece.br](mailto:edinilza.feitosa@uece.br)

**Resumo:** O presente trabalho visa avaliar a utilidade da escola contemporânea e seus mecanismos de organização sob uma perspectiva libertária de educação. Com isso espera-se propor outra nova estrutura de ensino no Brasil, tendo em vista falhas já evidentes, como, a evasão escolar e o baixo grau de conscientização política. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo exploratório em alguns segmentos da educação na região de Itapipoca-CE, o que inclui comunidades rurais, a fim de colher dados empíricos sobre a visão dos envolvidos a respeito da educação e da escola. Os dados coletados foram adquiridos na forma de relatos de experiências e conversas informais, onde os sujeitos eram professores, futuros professores e discente em geral. Este artigo apoiou-se, também, em reflexões desenvolvidas em um conjunto de estudos realizados no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), no qual faço parte do quadro de bolsistas desde início de 2015 no Subprojeto Química/FACEDI. Ao realizar o presente ensaio também se evidenciou uma grande dificuldade por parte do educando de entender a real necessidade de assimilar/desenvolver os conteúdos expostos pelo professor, muito em razão da aparente desvinculação destes com a realidade do estudante. Quadro este que traz à tona a necessidade de alinhar a escola às múltiplas especificidades dos educandos. Para tanto, tal mudança não partiria da iniciativa do Estado e sim, da própria comunidade que, depois de um estudo aprofundado, fundaria instituições de ensino realmente preocupados com o educando e não meramente com a sua possível produtividade social.

**Palavras-Chave:** Escola da Ponte; Autonomia; Formação de professores; Escola autogerida.

### **INTRODUÇÃO**

Para que serve a escola? A escola deveria ser um espaço de construção e desconstrução de saberes, tendo em vista a dinâmica do conhecimento, que se aprimora e evolui com o tempo. Todavia a realidade é bem diferente, o que acontece normalmente é uma imposição sistemática de alguns padrões sociais, sob uma pedagogia quase que unanimemente tradicional. Estes padrões estruturam-se em uma ideia de conversação do modelo “certo” de vida. Como se os educando já fossem seres predestinados à vida acadêmica e ao mercado de trabalho corporativo.

Para exemplificar a situação citada acima, podemos observa que os pais, normalmente, já possuem um imaginário em torno da futura carreira de seus filhos, onde esta idealização gira sobre três profissões específicas, sendo elas: engenheiro (a), médico (a) e advogado (a). Se formos avaliar, isso se dá, em parte, em razão da desvalorização financeira das profissões, o problema não é ser gari, o problema é o gari ganhar tão pouco.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Logo, não se pode dissociar estrutura social e ensino, tendo em vista que a forma de ensinar compõe e materializa um modelo de sociedade, que atualmente baseia-se em sua grande parte na globalização e na abordagem tecnicista, que podemos observar com a prioridade por parte dos governos em criar institutos de educação técnica. E é neste fundamento que a educação mundial, em linhas gerais, articula seus métodos de ensino. O ensino entendido sob estes pilares educacionais transfere a aprendizagem em si para um segundo plano, quando deveria ser o objeto principal da educação, ela, portanto, não é um fim e sim, um meio.

O prazer na modernidade se manifesta, que exclusivamente, no plano privado, ou seja, os bens comuns estão são tão valorizados quanto os bens privados. Existe mais interesse em ter um carro do que ter um transporte público de qualidade. E a escola na figura do professor acaba por, até mesmo inconscientemente, reproduzir esta visão individualista do mundo, constituindo os já falados padrões sociais. Para que fique claro, não há, entretanto, problema em existir modelos de vida, pois nos reportam a cultura e a história, todavia, ao se fazer a apresentação do mesmo sob a forma de injunção, torna o processo, em certas ocasiões, uma violência contra o indivíduo, que pode se sentir pressionado a perpetuar, contra sua vontade, uma forma de vida que não lhe faz minimamente pleno.

Afinal, isso quer dizer que as pessoas deveriam ser apresentadas à liberdade e a autonomia dentro da escola, e não à padronização e ao ajustamento. Por tanto, nós-próprios deveríamos escolher o que queremos aprender e de que forma. E a responsabilidade de qualquer sistema educacional seria suprir essa nossa necessidade.

Os indivíduos da escola devem fundar suas próprias instituições como forma de afirmação da autonomia, lógico, tal processo não se dá de um dia para o outro é necessário tempo e estudo. A participação ativa deve imperar no ambiente escolar sem relações de poder, mas sim, com a percepção da reciprocidade, entendendo que o pensar diferente é marca essencial de qualquer diálogo bem estruturado.

Segundo lei de diretrizes e bases da educação-LDB (BRASIL, 1996), “a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”, porém, o sistema se mostra falho ao tentar garantir tal vinculação, uma vez que, não prepara, efetivamente, para a realidade do mercado de trabalho e não dá possibilidades ao educando de emancipar-se intelectualmente do ponto de vista da cidadania.

Normalmente, o único debate que o jovem de dezesseis anos, preste a votar, participou dentro da escola foi para discutir qual parque aquático ele e sua turma irá frequentar durante as



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

férias. Além disso, a escola acaba por restringir ao máximo a criatividade do estudante, condicionando-o a uma rotina escolar, que quase sempre é maçante e desestimuladora.

Desta forma, observando o nosso sistema educacional, podemos ver que ele possui muitos pontos em comum com as escolas militares, porém sem ao sequer a disciplina, reestruturado sob uma perspectiva fabril, sendo responsável pela “formatação” em massa dos indivíduos, tanto que em alguns casos, até mesmo as artes são tidas como um campo do conhecimento dispensável ao educando, apenas hobbies (passatempo prazeroso).

Esta formatação cria uma homogeneização das especialidades humanas, a música *Another brick in the wall*, da conceituada banda britânica Pink Floyd, expõe muito bem esta temática, quando diz, “Todos são somente tijolos na parede”.

Para ilustrar, podem-se citar os vários casos de gênios da ciência, literatura, música e outras áreas do conhecimento, como, Albert Einstein e Ludwig van Beethoven, que eram tidos como fracassados ou intransigentes durante sua passagem pela escola formal. Este exemplo traz à tona a realidade categorizadora escolar, que divide os educandos em bons e maus baseados em um número impresso, geralmente em vermelho, em uma prova, as notas.

Lógico, que hoje, já se tem uma nova abordagem, que é a avaliação qualitativa, porém os exames externos são prioritariamente quantitativos e objetivos. E esses números ditaram o tipo de vida que o educando terá no futuro. Para galgar esse “êxito” normalmente terá de se adequar ao sistema, seja sua vontade ou não. Sobre isso Rubens Alves nos diz ao fazer uma analogia entre a escola e a fábrica que,

O resultado da linha de montagem é a produção rápida e controlada de objetos iguais. A igualdade dos objetos finais é a prova da qualidade do processo. O que não for igual, isso é, que apresentar alguma peculiaridade que o distinga do objeto ideal, é eliminado. A função da "peça original", como se vê, é a de ser simples suporte para as outras peças que lhe vão sendo acrescentadas. Ao final do processo a "peça original" praticamente desapareceu. (ALVES, 2000, p. 24).

Diante dessa problemática, surge uma inquietação acerca da possibilidade de desenvolver uma práxis que contraste com o modelo de ensino atualmente praticado, fazendo as devidas ressalvas para as iniciativas de vanguarda que já veem sendo desenvolvidas. Para tanto, faz-se necessário inventariar as várias formas de ensino, que vão desde Educação Bancária à Escola da Ponte em Portugal, imaginando que a partir destes exemplos possa-se elaborar uma síntese que esteja mais alinhada às necessidades do educando, enquanto indivíduo.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A consequência final seria um ensino capaz de construir com os estudantes a autonomia, como ressalta (GUARDIA, s/d) “A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que meninos e meninas tornem-se pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres”, o que não significa a exclusão da capacidade de serem produtores, pois a instrução continuaria sendo feita, entretanto, essa produção não necessariamente estaria ligada ao consumo excessivo, mas sim, a uma ética de responsabilidade coletiva.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho fundamenta-se em uma pesquisa de caráter exploratório qualitativo, pois “não se restringe a uma contagem ou a uma descrição, mas busca-se a essência do fenômeno ou teoria” (BONAT, 2009, p.12), na região de Itapipoca-CE. Os sujeitos envolvidos eram professores, bolsistas, futuros professores e estudantes em geral, pelos quais, através do processo de obtenção de dados: conversas informais, observações, entrevistas; sustento empiricamente o artigo nas evidências factuais relativas ao ambiente escolar, para evitar possíveis distanciamentos entre a teoria e o chão da sala de aula. Experiências adquiridas no âmbito do Programa Institucional de Iniciação à docência (PIBID), no qual compoño atualmente o quadro de bolsistas também foram agregar ao trabalho. O objeto da pesquisa, ao colher os dados empíricos, era aproximar a relação da escrita do trabalho baseada em teóricos à prática cotidiana de dentro da escola.

A pesquisa em si faz parte de um conjunto observações do ambiente escolar em algumas realidades diferentes, como centro urbano e comunidades rurais. Durante as observações, preenchia-se uma espécie de diário reflexivo-descritivo, que tinha por finalidade principal elencar as metodologias praticas pelo professor e as várias imposições realizadas pela escola à prática do docente.

O método dialético foi utilizado para a análise dos relatos de experiências, uma vez que este entende que “Todas as coisas implicam um processo(...). Esta lei é verdadeira para todo o movimento ou transformação das coisas, tanto para as reais quanto para seus reflexos no cérebro (ideias). (MARCONI, 2003, p. 102).

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Ao procurar entender a escola, inevitavelmente, estaremos estudando os valores, costumes e preconceitos praticados por nossa sociedade, que por sinal são a base da nossa vivência moral dentro da escola. Ao ouvir alguns relatos surgiram os seguintes questionamentos, que tentaremos minuciosamente, dentro das limitações, destrinchar: Precisamos realmente de escolas? Que tipo de escola? Qual o papel da escola?

Ao fim das conversas percebeu-se que sim, precisamos, ainda, de escolas, pois dentro da complexidade da nossa sociedade, se faz necessário uma instituição responsável por apresentar e debater a cultura e a tecnologia que nós, seres humanos, desenvolvemos durante nossa existência. As memórias nos mantém vivo e a escola faz parte de tudo isso.

É importante alguém nos lembrando da capacidade que temos de sermos falhos e cruéis, relembrar-se do holocausto, guerra do Vietnã, bomba nuclear, massacre dos índios é um exercício extremamente indispensável à educação. Não podemos nos dar ao luxo de dormir tranquilos, ser gente é sentir dor com a dor do outro e a prática educativa não pode ser indiferente a isso. Ai alguém pode perguntar: o que isso tem haver com a escola e com a educação? Simplesmente, tudo.

A escola não é apenas um edifício de concreto e sinetas estridentes, e sim uma representação de todas as condutas humanas socialmente construídas até agora, organizadas de forma sistemática ou não. Portanto, o passo inicial para pensar e propor uma nova escola é derrubar suas paredes e esmiuçar sua estrutura de poder.

A aprendizagem requer uma compreensão clara e segura da condução do processo de ensino, que consiste em como as pessoas aprendem e quais as condições externas e internas que influenciam. Já o ensino é o meio fundamental do progresso intelectual dos alunos. (LIBÂNEO, 1994, p.119).

Para que esse progresso se relacione com a liberdade do pensamento crítico, a condução do processo de ensino não pode ser uma máxima meramente impositiva na forma de adestramento comportamental. Se o educando não se compreender como parte do processo de ensino-aprendizagem e, não tomar ciência deste, ele não verá necessidade e prazer no que faz, portanto a escola não terá sentido, além de uma obrigação diária.

Contrapor-se a esta máxima amplifica a dificuldade do professor, pois transforma inegavelmente o planejamento e o plano de aula em processos de avaliação constante, e não simplesmente roteiros, que em grande maioria dos casos, não é repensado ou aprimorado. Além disso, o docente deverá ter um mínimo de conhecimento em outras áreas para que possa relacionar a sua disciplina com as outras, a fim de contextualizar o saber em uma visão holística do conhecer. Em alguns casos a escola não facilita este processo.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Logo, surge à necessidade de se desenvolver uma metodologia dialética e em constante evolução, para permitir a assimilação crítica do conteúdo trabalhado em sala por parte do aluno e tornar sua prática docente fluida e clara a água. A metodologia dialética para Gasparin deve:

Perpassar todo o trabalho docente-discente, estruturando e desenvolvendo o processo de construção do conhecimento escolar, tanto no que se refere à nova forma do professor estudar e preparar os conteúdos e elaborar e executar seu projeto de ensino, como às respectivas ações dos alunos. A nova metodologia de ensino-aprendizagem expressa a totalidade do processo pedagógico, dando-lhe centro e direção na construção e reconstrução do conhecimento. Ela dá unidade a todos os elementos que compõem o processo educativo escolar. (GASPARIN, 2005, pg. 05)

Dentro dos relatos pôde-se observar que os estudantes não reagem bem à burocracia e a rotina, por exemplo, um dos momentos mais conturbados de uma aula é a hora da chamada, pois é o primeiro contato do professor com a turma naquele dia e as inquietações externas que afligem os alunos não ficam da porta para fora e sim tomam conta da sala. Talvez, seja mais proveito, passar uma lista de frequência pouco antes do término da aula, para evitar perdas de tempo durante desnecessárias, que por sinal inquietam os estudantes.

Outro ponto é a própria organização da sala que se baseia em mapas de sala que normalmente dividem os alunos por filas, o que para mim, de certa forma acaba por desestimular os que sentam ao fundo, que em alguns casos sentem-se retraídos ao falar, já ao aluno que senta na frente é dada uma maior possibilidade de expressar, até intimamente, com o professor, sem medo de possíveis constrangimentos, ressaltando este fato não é uma regra geral que incide sobre todos. Para evitar potenciais retrações do educando ao desejo de se expressar, a organização da sala na forma de círculo parece uma alternativa interessante, salvo às salas sem estrutura física para suporta esta organização, o que é muito recorrente no Brasil.

Por fim, uma questão emergencial que se apresentou, foi o modelo de ameaças, “se não calarem a boca terei que (...)”. O professor deve-se manter sóbrio, por mais difícil que seja, pois se ele se desequilibrar os estudantes sentiram. Este tipo de postura possui um caráter extremamente paliativo, pois com isso os alunos calam-se, porém, ao decorrer de alguns instantes tornam às algazarras.

A propósito, a desordem em sala demonstra, também, a falha do professor que por certas condições não conseguiu instigar os educandos. Para instigar os alunos não há receita certa, porém, se interessar em conhecê-los já é uma ótima iniciativa, para que eles não sejam apenas números no diário do professor(a), como Paulo Freire (1996, p. 95) adverte, “para se alcançar a meta da humanização, que não se consegue sem o desaparecimento da opressão desumanizante, é



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

imprescindível a superação das “situações-limites” em que os homens se acham coisificados”. Por mais utópico que seja acreditar que todos podem mudar e ter um salto de consciência para serem pessoas melhores; a educação tem que ser o último segmento a desistir desta crença. Afinal, o sobrar para estas pessoas além da ignorância? E os males que ela carrega.

Um exemplo bem claro de que é possível desenvolver alternativas ao modelo de ensino atual é a Escola da Ponte em Portugal, idealizada, pelo professor José Pacheco em 1976 e perdura até hoje, o que mostra sua viabilidade relativa. A escola propõe uma forma totalmente diferente e efetiva de ensino, pois compreende as necessidades do aluno. Inicialmente, os estudantes são convidados a uma aprendizagem cooperativa, portanto a educação tornou-se uma prática comunitária, onde os que já sabem ajudam os que não sabem ainda, o que estimula a pesquisa e conseqüentemente a autonomia. E o professor aparece como um orientador desta prática, que precisar está preparado para tal tarefa, sob uma perspectiva dialógica, ou seja, atento aos detalhes de sua formação pratico-teórica do cotidiano,

“(…) O professor, considerado “profissional reflexivo”, analisa, afere e transforma experiências. (...) A atitude formativa não se confina ao tempo-espço de encontros formais. O tempo dos encontros de formação e o tempo que os medeia são ambos de permanente agir dialético, cujas sínteses se operam no desenvolvimento de projetos educativos de escola, onde cada professor e cada equipe de professores se forma. Os tempos de formação teórica são práticos; os tempos da prática são de construção teórica.” (PACHECO, 2009, p. 57).

Outra característica muito relevante da escola da ponte é a sua gestão predominantemente democrática e um contrato de autonomia com o estado Português, o que lhe concede o direito, já existente, de decidir seus rumos e metodologias de ensino. As avaliações ocorrem sob um modelo de auto proposição, ou seja, o educando, quando se acha apto, diz ao professor que quer ser avaliado. As decisões são tomadas em assembleias gerais, nas quais são coordenadas por um grupo rotativo de estudantes. Nestas assembleias se discutem questões que vão desde a estrutura da escola às atividades internas a serem realizadas ou avaliadas.

Portando, podemos observar que é possível desenvolver uma educação para a liberdade. Evidentemente, devemos alinhar exemplos como este da Escola da Ponte a realidade brasileira, onde surgira uma série de implicações, o que com vontade e empenho pode ser superado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A escola “serve”, sobretudo, como um ambiente de conjugação de aprendizagens, um espaço onde o conhecimento pode se desenvolver e constantemente ser desmontado de forma autônoma. Lógico, nunca tal aprendizado será neutro, mas pode ser a medida do possível, livre, uma vez baseado no princípio autonômico de autogestão educacional do espaço escolar, ou seja, os próprios educandos devem cuidar da escola, orientados, quando necessário, por um terceiro, que preferencialmente faça parte do quadro de colaboradores.

Há, no entanto, uma ressalva importante, autonomia e liberdade, em nada têm haver com individualismo e libertinagem, e sim, com a possibilidade de harmonização consensual, em que todas as partes do conflito, que é o dispositivo central do processo de ensino-aprendizagem, buscam compreender a visão do outro sobre um determinado tema, no caso aqui estudado, a educação.

Com isso ponderamos que analogamente a escola deve ser vista como o sol, que inunda (ou deveria) a mente de provocações e perguntas com seu brilho ofuscante. Deste modo, fazer da escola um espaço fechado, entre quatro paredes, com sinais sonoros marcando o início e o fim das aulas é excluir a possibilidade de termos pessoas mais comprometidas com a coletividade e com a sabedoria no seu sentido mais puro (indagar), pois tais práticas, salvo as exceções, desestimulam, de forma consciente ou não, o pensamento crítico-reflexivo, uma vez que priorizam a transmissão e a repetição de conhecimentos apenas.

Um das mais marcantes características do que classificamos como sendo o ser humano é a criatividade, ou seja, a capacidade de pensar fora da caixa, fazer o novo, originalidade, todavia, essa característica humana, como todas as outras, são afetadas pelo nosso convívio social, em primeira instância a família e secundária a ela à escola.

Assim sendo o ambiente escolar não pode ser mais um lugar de restrições deliberadas e sim um espaço de iluminação. Acrescentando, diria que para tal iluminação, os professores atuantes e futuros docentes só precisaram oferecer o fósforo, pois a parafina é abundante. Temos estudantes absurdamente inteligentes e curiosos. O passo seguinte é enxergá-los como gente de carne, osso e alma. Uma proposição a ser pensada, seria a implantação de assembleias diretas semanais dentro da escola para discutir as atividades com os próprios alunos, e se possível com os pais. O que por si só já aproximaria a família da escola. Além desta aproximação concederíamos aos estudantes o direito de opinar sobre que tipo de educação eles querem receber e de que forma.

Logicamente, para que tal proposta fosse efetivada precisa-se de uma gestão escolar realmente democrática, o que não acontece em algumas escolas, não necessariamente por autoritarismo da direção, mas sim em razão de cobranças externas à escola, porém é algo ser



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

pensado com mais vigor, a fim de aprofundar-se melhor na possibilidade e viabilidade de realização. Entretanto, uma realidade que para mim parece verdadeira é: tais iniciativas de mudança não emergiram por parte dos governos, seja ele qual for e sim, de uma consciência popular e cooperativa.

A satisfação não nos é conveniente; essa frase evidencia a necessidade que nós, seres humanos temos de está em constante movimentação intelectual e sensorial, aprender a sentir, refletir e se movimentar novamente (não há rigidez nesse processo), e na educação não seria diferente, é o que chamamos de práxis. O futuro precisa de bons professores valorizados e estimulados dentro de sala de aula.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubens. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 1ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

\_\_\_\_\_, Rubens. **Quero uma escola retrógrada**. Jornal Correio Popular, 2000. Disponível em <[http://www.nacional.edu.br/grupodeestudos/docs/escola\\_da\\_ponte\\_rubem\\_alves.pdf](http://www.nacional.edu.br/grupodeestudos/docs/escola_da_ponte_rubem_alves.pdf)> Acesso em: 27 de Julho de 2016.

BONAT, Debora. **Metodologia da pesquisa**. 3ª ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

BRASIL. **Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3ª.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GUARDIA, Franciso Ferrer y. **La Escuela Moderna**. Madrid: Ediciones Solidaried, s/d.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática Geral**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, Marina. **Fundamentos da metodologia científica**. 3ª. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação e transformação da educação**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Coleção transições, Vozes, 2009.